



Eixo: Relações Patriarcais de gênero e raça

Sub-eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades

“O PARTO HUMANIZADO É A MULHER SER RESPEITADA E TER O DIREITO DE FAZER ESCOLHAS CONSCIENTES”: UM ESTUDO SOBRE HUMANIZAÇÃO DO PARTO E MATERNIDADE

**BRUNA MARIA COSTA GOMES¹
HAYESKA COSTA BARROSO²**

Resumo: Ao compreender a importância que as doulas possuem como agentes do processo de humanização do parto, este estudo teve como objetivo abordar os significados atribuídos pelas doulas da Equipe Mãe do Corpo às formas de gestar, parir e ser mãe, no contexto da humanização do parto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, dos tipos bibliográfica, documental e de campo, na qual utilizou-se da observação participante e da realização de entrevistas semiestruturadas como técnicas de coleta de dados. Notou-se que os processos de gestar, parir e ser mãe sofrem tanto pela influência das práticas médicas, como pela construção dos papéis de gênero.

Palavras-chave: Humanização; Parto; Maternidade.

Abstract: In understanding the importance of doulas as agents of the process of humanization of childbirth, this study aimed to address the meanings attributed by the doulas of the Mother Body Team to the ways of gestating, giving birth and being a mother, in the context of the humanization of childbirth. It is a qualitative research, of the bibliographical, documentary and field types, in which participant observation was used and semi-structured interviews were carried out, as data collection techniques. It was noted that the processes of gestating, giving birth and being a mother suffer both from the influence of medical practices and from the construction of gender roles.

Keywords: Humanization; Childbirth; Maternity.

1 INTRODUÇÃO

O movimento pela humanização do parto, no Brasil, foi impulsionado por experiências em diferentes estados, na década de 1970, dentre estes o Ceará, através da figura do obstetra José Galba de Araújo que, inspirado por práticas tradicionais de parteiras e índios, preocupava-se em conciliar tecnologias, costumes e tradições regionais na assistência ao parto (DINIZ, 2005; BRASIL, 2012). No cenário dos movimentos sociais, o movimento pela

¹ Profissional de Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: <bruna.mcgomes96@gmail.com>

² Professor com formação em Serviço Social. Universidade de Brasília.

humanização do parto e nascimento emergiu no país desde o final dos anos 1980, período marcante no se refere à organização de algumas associações não-governamentais e redes com identificação à crítica do modelo hegemônico de atenção ao parto, como a Rede de Humanização do Parto e do Nascimento – REHUNA (TORNQUIST, 2002)³.

Segundo Tornquist (2002), em suma, o movimento de humanização do parto luta por mudanças no modelo de assistência ao parto no Brasil, predominantemente, hospitalar e medicalizado e indica, dentre outras questões, o incentivo ao parto vaginal, o aleitamento materno no pós-parto imediato, a presença do pai ou outro acompanhante nos processos que envolvem o pré-parto, parto e pós-parto, inserção de enfermeiras obstétricas na assistência aos partos normais e de parteiras leigas em regiões onde não há presença de rede hospitalar.

É interessante ressaltar que, atualmente, nos anos 2000, o movimento pela humanização tem se expandido através das redes sociais e grupos que promovem o ativismo no meio virtual, trazendo à tona novos contornos ao movimento que, a cada dia, constrói-se por uma massa eminentemente composta de mulheres, gestantes ou não, a fim de fortalecer a luta por um parto respeitoso e, acima de tudo, pelo respeito aos direitos que devem exercer sobre si e suas próprias escolhas.

Também cabe salientar a inserção da doula neste cenário, a partir do retorno às referências de práticas culturais arrefecidas, com o processo de medicalização e hospitalização do parto, que se inicia no século XIX e consolida-se no século XX, como o suporte oferecido por mulheres a outras mulheres, em trabalho de parto. No Brasil, de acordo com Teixeira (2011), as primeiras doulas surgiram entre as décadas de 1970 e 1980, sem que houvesse um processo de capacitação reconhecido⁴. A doula, cujo papel consiste em oferecer suporte

³ Tal Rede foi fundada em 1993, como iniciativa de um grupo de profissionais, insatisfeitos com a prática médica que havia se tornado regra no país, relacionada a um conjunto de procedimentos tidos como invasivos (CARNEIRO, 2015). Atualmente, trata-se de um modo de ativismo social, organizado pela internet e por encontros temáticos, congregando entre os participantes, médicos, enfermeiras, doulas e mulheres ativistas do parto humanizado no Brasil, além de instituições (DINIZ, 2005; CARNEIRO, 2015).

⁴ A autora denomina essa primeira geração de doulas como autodidatas, pela forte intuição que as moviam e pelo conhecimento que tinham, por já terem acompanhado partos de familiares (TEIXEIRA, 2011)

físico, emocional e informacional à mulher, no pré-parto, parto e pós-parto, emerge como uma personagem importante no cenário do parto e da sua humanização, à medida em que busca promover a difusão de informações baseadas em evidências científicas, a defesa de um acompanhamento multiprofissional à gestante e, sobretudo, o protagonismo feminino, no que se refere às escolhas concernentes ao seu parto.

No que se refere à categoria maternidade, observa-se que o ideal de maternidade construído, no final do século XVIII, que irá se perpetuar no imaginário social até os dias atuais, trouxe exaltação, grandeza e nobreza às mulheres que desempenhassem com fervor, devoção e sacrifício seu papel de cuidar da saúde, higiene, educação e formação intelectual dos filhos, sendo apregoadado, a partir de então, o discurso de que “os homens são o que as mulheres fazem deles” (BADINTER, 1985, p. 257), ao mesmo tempo em que ocasionou culpa àquelas que não cumprissem sua função.

A boa mãe deveria encarnar, ao mesmo tempo, a virtude, a bondade, a coragem e a doçura, já que sua missão aparece como influência para os filhos, mostrando-se como apaziguadora do lar. Tais aspectos denotam que a vocação e a natureza materna foram solidamente respaldadas pela moral e pelo imaginário religioso, já que a função materna estaria ligada à fonte mais segura da felicidade feminina e seus sofrimentos encarados como o tributo pago para ganhar o céu (BADINTER, 1985).

Diante deste cenário, percebe-se que a maternidade e o modo como ela é produzida e reproduzida são fruto das relações sociais, culturais, políticas e, até mesmo, econômicas, circunscritas em um determinado contexto. É essencial também a compreensão de que, como aponta Porto (2011), para pensar a maternidade, bem como as estratégias que valoram comportamentos e validam políticas e técnicas de reprodução humana, faz-se necessário entender e analisar a forma como o poder é partilhado/exercido entre os sexos, ou seja, como se dão as relações de gênero historicamente construídas.

Partindo desse pressuposto, Badinter (1985) argumenta que, ao analisar a história das atitudes maternas, “nasce a convicção de que o instinto materno é um mito”, o que se pode observar é “a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações”, portanto, o amor

materno “não é inerente às mulheres” (ibid, p. 367), mas sim, construído e gestado socialmente, mediante uma série de determinações.

Desse modo, a partir da compreensão da transversalidade das categorias maternidade e humanização do parto, além da importância das doulas diante do cenário da humanização do parto, este artigo busca abordar os significados atribuídos pelas doulas da Equipe Mãe do Corpo⁵ às formas de gestar, parir e ser mãe, no contexto da humanização do parto, por meio dos resultados alcançados através de pesquisa de abordagem qualitativa, dos tipos bibliográfica, documental e de campo, em que foram utilizadas como técnicas de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, realizadas com três mulheres doulas, e observação participante, sendo esta última sistematizada através de diários de campo.

2 GESTAR, PARIR E SER MÃE EM MEIO AO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DO PARTO: “A MATERNIDADE NÃO É TÃO GLAMOUROSA COMO A GENTE PENSA”

Foi possível observar que, ao serem indagadas sobre os processos de gestar, parir e ser mãe, as doulas da Equipe Mãe do Corpo, inicialmente, demonstraram certa apreensão em discorrer sobre momentos que ainda não vivenciaram. Apesar de estarem constantemente em contato com mulheres que

⁵ O Espaço de Apoio à Maternidade – Mãe do Corpo, nome fictício atribuído à empresa de nome SEMIRAMES RAMOS ÁVILA 64797406372, sob o CNPJ 19.252.639/0001-92, tendo como atividades principais treinamentos em desenvolvimento profissional e gerencial (ALVES, 2014), está localizado na Rua Pindorama, 268, Salinas, no município de Fortaleza – Ceará. Segundo informações repassadas pela coordenadora e idealizadora do Espaço, por meio de conversa informal, a “Mãe do Corpo” é a realização de um sonho, que a acompanha desde o período da sua graduação em Enfermagem. A escolha do Espaço de Apoio à Maternidade – Mãe do Corpo como *locus* de pesquisa se relaciona ao fato deste ser referência, na cidade de Fortaleza, às mulheres gestantes e suas famílias, no apoio à gestação, parto e pós-parto, a partir dos ideais propostos pela humanização do parto e do nascimento. Além disso, foi possível desenvolver certa proximidade com as profissionais que o compõem, a partir da participação em rodas de conversas e eventos gratuitos, como o Movimento Materno, que ocorre mensalmente e reúne profissionais, mulheres, gestantes e não gestantes, crianças e homens e, por meio da realização do Curso de Formação de Doulas, que ocorreu em abril de 2016.

experimentam/experimentaram tais vivências, o fato de não serem mães as fez tomar um posicionamento de maior cautela quanto a estes assuntos. Dentre as entrevistadas, a terceira é a que coloca de maneira mais incisiva a dificuldade que sente de falar sobre maternidade. Todavia, descreve que a discussão dos processos de gestar, parir e ser mãe fazem parte do movimento de humanização do parto, uma vez que envolvem o direito que as mulheres têm de exercer suas escolhas, de maneira autônoma, e o acesso a uma assistência de qualidade. Vejamos:

É ... então tudo isso é humanização, num é!? Da escolha do gestar, né!? De quando eu quero gestar, de como eu quero parir, de como eu quero vivenciar essa gestação. É ... de como eu quero parir. De ter acesso, né!? De ter acesso. De ter direito a escolha, né!? E o ser mãe, pelo menos o que eu visualizo, pra mim, ainda é o mais obscuro de todos, né!? Porque eu nem consigo imaginar, assim, porque eu ainda não sou mãe. Assim, acompanho algumas das meninas que são mães, assim, e a dureza que é também de se colocar no mundo enquanto mãe, né!? De resignificar, de desconstruir muita coisa também que tá embutido, né, quando se tem essa: “fulana é a mãe”, né!? Ela não é mais ela. Ela não é mais ela, ela é a mãe de alguém. Tem essa figura, né!? Tem essa figura da mãe. Pra mim é bem... eu não consigo assim, falar sobre maternidade... (ENTREVISTADA 3).

Outro aspecto a ser destacado em seu discurso, bem como no da Entrevistada 1, é o fato de as duas observarem que, quando se torna mãe, a mulher sofre uma quebra, uma ruptura com a pessoa que ela foi, visto que, nesse momento, ela deixa de ser mulher/filha, para se tornar mulher/filha/mãe. Assim, descobre que a maternidade real não condiz com a que fora idealizada, consagrada como benção:

[...] eu penso que é a questão de realmente... dessa quebra de ser uma mulher/filha e depois se tornar uma mulher/filha e mãe, ter criado um bebê, é ... as mulheres que eu tenho acompanhado têm relatado experiências muito difíceis de se adaptar, a ser mãe, a criar um filho, a descobrir que a maternidade não é tão glamourosa como a gente pensa que é, que é essa benção, essa coisa linda (ENTREVISTADA 1).

A psicoterapeuta e escritora Laura Gutman (2017) argumenta que o fato de as mulheres sofrerem um “choque brutal” com o nascimento dos seus filhos e com a chegada da maternidade ocorre por conta da tendência cultural e social de embelezamento da gravidez, somada à condição infantilizada que a

mulher adota, nesse período, rodeada de pensamentos supérfluos e romantizados sobre a “doce espera”. Tal romantização, muitas vezes, pode ser reforçada pela cultura do consumo, que envolve o cenário da maternidade, como podemos observar em relato presente no diário de campo a seguir:

[...] “Cultura do Consumo” que envolve o universo da maternidade e do nascimento, onde uma das gestantes fez o relato pessoal de que não gostaria de ter o sexo do bebê revelado até o seu nascimento, porém, discorreu que as pessoas logo a indagavam:” Mas, como você vai montar o enxoval?” (sic). Ou seja, a exaltação do consumo parece estar em detrimento das escolhas da gestante ou do casal (DIÁRIO DE CAMPO, 8 abril 2017).

Do mesmo modo, registrou-se em diário de campo, datado de setembro de 2017, por meio da participação em uma roda de conversa, no Espaço Mãe do Corpo, alguns discursos de mulheres a respeito da maternidade, que vão ao encontro do que fora apontado pelas entrevistadas. Seus posicionamentos demonstram que, junto ao papel de mãe, surgem diversas cobranças sociais, que reforçam a perfeição necessária à mulher/mãe e à satisfação que estas devem demonstrar mediante essa função:

Algumas falas nesse sentido, me marcaram: “A filha morre.” “Você quer colo, mas tem que dar colo” e ainda, “Você precisa ficar feliz”, “Nasce uma mãe, nasce uma culpa” (sic). Todas revelam que a maternidade é uma transformação brusca na vida da mulher, que traz consigo cobranças sociais e muda sua posição social, além de reforçar o papel de perfeição que a mulher deve atingir nesse âmbito, sem hesitar (DIÁRIO DE CAMPO, 16 set. 2017).

Destarte, Badinter (1985) afirma que os discursos autoritários, formulados sobre a condição materna, promovem nas mulheres uma espécie de mal estar inconsciente, ao passo em que exercem uma pressão ideológica para que as mulheres se sintam obrigadas a se tornarem mães, uma vez que este seria seu dever, razão de ser. Tais aspectos promovem uma maternidade marcada pelo signo da culpa e da frustração.

Além da condição inegável fazer parte do imaginário social quanto ao papel de mãe, a divisão dos papéis de gênero também são refletidos neste. De acordo com Osterne & Silveira (2012), atribui-se às mulheres, desde crianças, comportamentos delicados e passivos, ou seja, mais voltados ao cuidado. Em

contrapartida, os homens são educados para que possam se tornar, mais adiante, provedores, chefes de família. Ao serem indagadas sobre o que é ser pai e ser mãe, na nossa sociedade, as Entrevistadas 1 e 2 problematizam à luz das relações de gênero:

[...] nessa sociedade, bom, fazendo esse recorte de gênero, ser mãe significa ... olha é quase que uma função inegável, assim, a sociedade ela entende que todas nós precisamos ser mães, que a gente foi feita pra isso, tem uma divisão totalmente desigual no cuidado a essa criança né?! Majoritariamente, as pessoas entendem que é uma responsabilidade da mãe, que o pai realmente é aquela pessoa que só ajuda e que a mãe é quem precisa se preocupar [...]. Enquanto a mãe precisa ficar, necessariamente, em casa, cuidando do filho, se doando completamente. O pai é pessoa que pode ser pai e, ainda assim, continuar trabalhando, continuar com seus planos, continuar estudando. Eu acho que nessa sociedade é isso (ENTREVISTADA 1).

Eu acho que foi muito colocado pras mulheres, historicamente, que nós precisamos desejar ser mães, que nós precisamos agir de tal forma, ter um comportamento tal, ter valores tais. É ... e pros homens é colocado outra coisa, né!? [...] a forma como se dá esses papéis de paternidade e maternidade, atualmente, são muito fortemente influenciados pelo o que seja o papel de homem e o papel de mulher, os papéis de gênero, pré-determinados, baseados em toda uma organização funcional de família, de pai tem que fazer isso e mãe tem fazer aquilo. E, nesse final das contas, a mãe, a mulher é sempre a que tá mais é ... sobrecarregada (ENTREVISTADA 2).

Diante disso, percebe-se que está muito presente na fala das interlocutoras, apesar de elas demonstrarem certo receio em discorrer sobre a maternidade, por não serem mães, uma consciência a respeito das responsabilidades socialmente atribuídas às mulheres/ mães. Tal fato pode encontrar respaldo pela sua inserção no movimento de humanização e reflexões críticas que partem deste e, da sua formação acadêmica. A Entrevistada 3, inclusive, argumenta sobre a naturalização do amor e/ ou instinto materno, descrito por Badinter (1985) e de como esta se apresenta de maneira cruel para as mulheres:

Que é esperado da mulher que ela saiba como ser mãe, né!? Então, se uma criança tá ali chorando, todo mundo vai olhar pra mãe e vai perguntar pra mãe o que é que a criança tem. E vai se esperar que mãe saiba o que ela tem e como resolver a situação, né!? Então, do instinto materno, né, de tudo isso. E é muito cruel com a mulher, né!? (ENTREVISTADA 3)

Nesse sentido, até mesmo a participação dos pais/companheiros no movimento de humanização do parto, que se materializa através das rodas de conversas presenciais e dos meios de comunicação via web, é limitada, já que envolver-se com questões relativas à gestação, parto e nascimento caberia às mulheres. A Entrevistada 2 reflete que a maioria dos homens/pais/companheiros envolvidos nesses espaços e, até mesmo quando levados à escolha de uma doula, são influenciados pelas mulheres, o que acaba por reproduzir a máxima já observada em outro momento desse texto, de que os homens são aquilo que as mulheres fazem deles (BADINTER, 1985):

Então, eu acho que tanto os pais, os companheiros, homens envolvidos nessa questão eles se inserem nessa questão do movimento da humanização através das mulheres, assim, através da participação nas rodas, através da forma como as mulheres buscam envolvê-los nisso. [...] Geralmente, os pais que vêm até a gente junto com as mulheres que procuram a doula... o que eu tenho percebido é que eles vêm nessa coisa de: “é uma decisão dela”, “eu apoio”, eles vêm nessa retaguarda. Alguns... muitas vezes, eles não pesquisaram o que uma doula, geralmente, foi uma coisa que a mulher desejou primeiro e viu outras, por que ela foi atrás de saber, foi atrás de ler relatos de parto (ENTREVISTADA 2).

Além disso, quando se trata de gestar, parir e ser mãe, a Entrevistada 1 observa que esses três processos ainda se constroem de maneira centrada na figura do médico e do saber que o envolve: “[...] eu acho que essas três coisas ainda estão bastante centradas no médico, tanto a parte da gestação quanto o parir, quanto o pós parto é muito essa preocupação de qual médico eu vou ter, do que o médico disse, o que é que o médico vai fazer”. A própria forma que se denomina, a assistência oferecida pelo médico no parto, por exemplo, traduz essa centralidade: o médico é quem faz o parto e, não a mulher (MAIA, 2010).

Outra preocupação apontada pelas Entrevistadas 3 e 1 é a de que o próprio movimento pela humanização do parto esteja sendo distorcido, ao ganhar um caráter mercadológico. Nesse sentido, o gestar, parir e ser mãe poderiam estar passando por um deslocamento, ao que o movimento de humanização busca desconstruir, que é a centralidade da assistência ao parto atribuída a um profissional. Para elas, não se deve “vender” pacotes sobre como ter um parto humanizado, tampouco atribuir a humanização à presença do médico, considerado humanizado ou de uma doula.

De tá, por exemplo, ganhando o rumo mercadológico, mais mercadológico do que qualquer outra coisa, né!? Isso aqui em Fortaleza, pra mim, eu consigo visualizar isso com muita facilidade, sabe? De ainda não conseguir expandir a discussão, de ainda ficar médico centrada mesmo, por que as mulheres que tão querendo parto humanizado, elas continuam procurando os médicos e aí, a gente tem o título do médico humanizado. E que aí, você só vai ter acesso ao seu parto humanizado se for com o médico tal, né!? O profissional tal, né!? Que no caso, são os médicos, né!? A gente ainda não descentralizou (ENTREVISTADA 3).

[...] eu acho errado a gente querer vender essa ideia de que você só dá certo parir se tiver uma doula, só dá certo parir se for em cima numa banqueta, só é legal se for assim, aí a gente meio que pode estar criando um novo dogma né!?[...] Não, eu acho que a gente não tem que vender pacotes prontos de como tem que ser um parto humanizado né (ENTREVISTADA 1).

Apesar de observar tais aspectos, a Entrevistada 1 argumenta sobre o fato de que, provavelmente, os processos de gestar, parir e ser mãe, em meio ao movimento de humanização do parto, se deem de maneira mais crítica e/ ou desafiadora, no sentido de que se tem a oportunidade de debater sobre estes assuntos nas rodas de conversas e espaços virtuais e, por isso, torná-los mais reflexivos. Para ela, a participação nesses espaços provoca as pessoas para que elas busquem, leiam, pesquisem e aprendam, inclusive, ao produzir um Plano de Parto⁶, muitas vezes, a partir da desconstrução de certezas apreendidas ao longo da vida.

Mas, eu acho que sei lá... o diferencial desse movimento da humanização talvez seja esses ambientes de trocas de experiências, que antes não tinha tanto e hoje a gente tem, seja virtualmente, seja por meio das rodas de conversa que têm ao redor da cidade inteira, assim, sempre têm. Talvez, mas só talvez, seja um pouco mais trabalhoso de gestar, parir e ser mãe no movimento da humanização, porque no movimento da humanização a gente meio que traz a mulher pra fazer várias reflexões, que talvez sem frequentar esses lugares, esses espaços, ela não tivesse né!?[...] Quando a gente convida, enquanto doulas, a mulher a fazer um plano de parto, a gente pede que ela pesquise, que ela leia. Talvez de outra forma, se ela não tivesse

⁶ Documento produzido pela gestante, que indica os procedimentos desejados ou não, a serem realizados durante o trabalho de parto, parto e nascimento do bebê, pela equipe de profissionais que deverá acompanhá-la. O documento pode ser construído com a ajuda da doula e funciona como uma espécie de carta, a ser discutida previamente ou entregue no dia do parto, à equipe de saúde. O uso do Plano de Parto é recomendado, inclusive, pelo Ministério da Saúde (2017), na versão resumida das Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal, cujo acesso é possível através do link: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf.

frequentando esse meio, se ela tivesse decidido por uma cesárea eletiva, talvez ela não tivesse pensando em tudo isso, né!? Ela tivesse somente aceitando as intervenções que já são rotineiras. E aí eu acho que pode ser também depois que o bebê nasce, sobre criação, o movimento da humanização também fala sobre... também tem a ver com criação de filhos né!? E aí, são várias reflexões, que muitas vezes destoam do que a gente aprende ao longo da vida e a gente precisa ir lá e refletir de novo, ler de novo e aprender novas coisas. Aí pode ser, talvez, ainda mais desafiador (ENTREVISTADA 1).

Com isso, tem-se que os processos de gestar, parir e ser mãe, em meio ao movimento de humanização do parto, sofrem tanto pela influência das condutas e/ou práticas médicas, fortemente regimentadas no campo institucional e social, como pela construção social, desigual, dos papéis de gênero. Entretanto, observa-se que o questionamento a tais elementos é uma das bandeiras de luta do movimento pela humanização do parto. Conforme a Entrevistada 2, é desonesto impor padrões a processos únicos, como o gestar, parir e ser mãe. Especialmente quanto à maternidade, argumenta que é necessário desconstruir que existe um modelo ideal:

[...] é muito desonesto colocar um padrão pras mulheres do que seja... e daí então tem várias formas realmente, né!? De... são processos muito únicos de cada mulher isso também, de gestar e de parir e da sua maternidade. Eu percebo que, é ... as mulheres... existe uma questão que leva nós mulheres a procurarmos um modelo ideal, uma forma ideal de gestar, parir e, principalmente, de ser mãe, assim. [...] Entre procurarem uma forma ideal e entre várias questões que mostram que, na verdade, a gente deve desconstruir isso, assim. Desconstruir que existe uma forma ideal de ser mãe, a mãe perfeita (ENTREVISTADA 2).

Assim, um dos conceitos difundidos pelo movimento de humanização do parto para que tais processos não fiquem a cargo único da mulher, não a tornem sobrecarregada nem a imponham padrões de perfeição, é o de rede de apoio. Segundo a Entrevistada 1, esta é importante dado ao fato de que “[...] a gente vive em famílias nucleares né!? Homem, mulher e seus filhos, separados do resto da família [...]”. Em concordância com a entrevistada, Gutman (2017) argumenta que o panorama é desalentador para mulheres modernas e urbanas, que vivem afastadas de suas famílias primárias.

Consoante a autora, o conceito de rede parte da noção de que, para criar um filho, mãe e pai não são suficientes, uma vez que, de acordo com ela, somos “desenhados” para viver em comunidade. Assim, faz-se necessária a

criação de uma rede de assistência, principalmente, no pós-parto ou puerpério, à mulher puérpera que, segundo a autora, não deve passar por esse processo de forma solitária. A Entrevistada 3 reflete que uma rede de apoio é fundamental à mulher que se torna mãe:

Então, assim, falar de rede de apoio pra mim, por exemplo, depois que a mulher se torna, né, mãe, é assim umas das coisas fundamentais. Porque agora tem uma nova estruturação familiar é ... engraçado né!? A minha fala toda, só falando da mulher, da mulher, da mulher, da mulher. Mas, e é uma coisa assim, da gente ainda perceber a não participação tão forte, né!? Apesar de alguns homens se colocarem mais, mas, os processos eles são vivenciados muito mais profundamente pelas mulheres, porque são elas que parem, são elas que gestam, são elas que são as mães, de amamentar, né!? De tá ali, com uma dependência exclusiva, né, do bebê (ENTREVISTADA 3).

Perante tais aspetos, a Entrevistada 1 afirma que os significados de gestar, parir e ser mãe tendem a mudar, gradativamente, em meio ao movimento de humanização do parto, inclusive, com relação à maternidade; nas visitas pós-parto⁷, realizadas por elas, coloca-se a importância da construção de uma rede de apoio e tenta-se mostrar que a participação do homem na criação dos filhos é essencial. O resultado de tal mudança pode ser refletida a partir do que a Entrevistada 3 define como um movimento, ainda tímido, de pais que têm decidido vivenciar a paternidade de um modo diferente. Vejamos:

Quando a gente vai fazer a visita pós parto, a gente também fala muito de rede de apoio e aí a gente tenta mostrar, de alguma maneira, que essa responsabilidade não é só da mulher, que ela não aguenta isso sozinha, que ela não foi feita pra aguentar criar um bebê sozinha, que é preciso participação do pai. Então, eu acho que esse significado tende a mudar com a humanização do parto, mas não é 100% (ENTREVISTADA 1).

É ... tem um movimento agora, né, que eu acho que ele é ainda muito tímido. Né, ainda é bem tímido. Acho que tem muito o que se caminhar ainda, né!? O que se discutir, o que é que é ser pai. [...] Mas, de... tem um desponete aí, que é com alguns homens que querem vivenciar essa

⁷ O acompanhamento da doula não se encerra no parto. Após o nascimento do bebê, ou seja, no pós-parto imediato, a doula somente se retira de cena, quando o vínculo entre mãe e bebê já foram estabelecidos, a partir da primeira mamada. Ela inclusive auxilia nesse processo da amamentação, ao mostrar à mãe a pega correta do bebê no seio, por exemplo. Além disso, após a mulher e seu bebê já estarem em casa, é realizada no mínimo uma visita pós-parto, de modo a dar apoio emocional e informacional à puérpera, além de detectar possíveis demandas a serem encaminhadas a outros profissionais. De acordo com Gutman (2017), o papel da doula no pós-parto é oferecer suporte, apoio, atenção e solidariedade à mãe puérpera.

paternidade de um modo diferente, né!? Aqui, a gente tem o Movimento Paterno⁸, né!? (ENTREVISTADA 3).

Diante do que fora exposto, observa-se que, apesar dos limites impostos às mudanças nos padrões de maternidade e paternidade, em meio ao movimento de humanização do parto, como a pouca adesão dos homens a este e o acesso de um determinado perfil de mulheres, “de uma classe social mais alta” (ENTREVISTADA 1), às rodas de conversas e ao trabalho das doulas, os significados atribuídos às formas de gestar, parir e ser mãe, no contexto da humanização do parto, tendem a ser reconduzidos e/ou desconstruídos, à medida que dialogam com movimentos de mulheres e/ou feministas. Pois, a partir desse diálogo, parece haver a sugestão de resistência aos papéis de gênero, socialmente atribuídos, além do posicionamento contra “o enquadrinhamento de seus corpos”, a fim de “escapar do controle ou da domesticação de suas experiências, bem como do que consideram expressão de violência” (CARNEIRO, 2015, p. 283).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que fora analisado no presente artigo, observa-se o quão urgente torna-se o debate a respeito da humanização do parto, maternidade e de temas que os atravessam, tais como a violência obstétrica que atinge uma a cada quatro mulheres brasileiras, no momento do parto, segundo pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2010. Trata-se de buscar, de maneira mais abrangente, compreender e discutir a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, historicamente, negligenciados pelo Estado e pela sociedade. Além disso, vislumbra-se a oportunidade de trazer à baila, no processo de formação profissional em Serviço Social, a transversalidade com

⁸ Evento gratuito, que ocorre em Fortaleza, de forma mensal, em que são promovidas discussões a respeito do exercício e dos desafios da paternidade. O público é restrito à participação de pais e filhos.

que tais assuntos nos chegam como demanda institucional e profissional, nos processos de trabalho em que nos inserimos, nas políticas sociais em geral.

Diante do contexto em que o parto passa a ser um evento médico/técnico/hospitalar e a mulher aparece como expectadora, numa posição passiva, muitas vezes, suscetível a vários tipos de violência e/ ou violação de seus direitos, emerge o movimento de humanização do parto. No Brasil, este tem suas primeiras expressões na década de 1970 e ganha efervescência junto aos movimentos sociais, na década de 1980. A perspectiva deste movimento é de transformação do modelo, então hegemônico, de assistência ao parto e nascimento.

Dentre os pilares disseminados pelo movimento de humanização do parto, destacam-se a busca pelo protagonismo feminino, como princípio central, no que se refere às escolhas concernentes à gestação, parto, nascimento e cuidados com o bebê, aliado ao repasse de informações, pelos profissionais de saúde e demais pessoas envolvidas nesse processo, baseadas em evidências científicas, ou seja, em estudos que comprovem sua eficácia, além do atendimento/assistência multiprofissional à parturiente (a fim de descentralizar este papel da figura do médico), que deve respeitar as individualidades de cada mulher.

Ao perceber as doulas, novos personagens envolvidos no parto e no cenário da sua humanização, como agentes fundamentais desse processo, este trabalho teve como objetivo abordar os significados atribuídos pelas doulas da Equipe Mãe do Corpo às formas de gestar, parir e ser mãe, no contexto da humanização do parto. Através dos dados coletados por meio de entrevistas, enfatizou-se que o ser mãe e o ser pai, na nossa sociedade, estão diretamente relacionados às desigualdades produzidas através da atribuição dos papéis de gênero.

Mesmo diante desta prerrogativa, o movimento pela humanização do parto busca desconstruir tais papéis, à medida que tenta inserir os homens/pais/companheiros, nos debates a respeito do parto, gestação e criação dos filhos, além de discutir a necessidade de serem criadas redes de apoio às mulheres puérperas. Nesse sentido, tem-se que o significado de ser mãe tende a mudar, gradativamente, em meio ao movimento de humanização do parto.

Além disso, no que concerne aos três processos: gestar, parir e ser mãe, notou-se que estes tendem a ocorrer de maneira mais reflexiva, diante do cenário da humanização do parto, à proporção que, tanto em espaços virtuais quanto nos presenciais, busca-se provocar a crítica e o debate a respeito das ações e dos acontecimentos que o envolvem, a fim de construir novas possibilidades e desconstruir crenças, culturalmente aceitas e/ou reproduzidas.

Ademais, observou-se também, por meio do discurso das entrevistadas, que há uma preocupação no que se refere ao fato desses três momentos ainda ocorrerem de maneira centrada na figura do médico ou até mesmo da doula, quando há um deslocamento dessa centralidade, em circunstâncias atuais, aliado ao rumo mercadológico que estes podem tomar, diante do cenário da humanização do parto. Inclusive, é dado reconhecer que tal rumo mercadológico e/ ou mercantilização percebida, mediante o movimento de humanização do parto, requer maior atenção e discussão, em momento a posteriori.

Destarte, cabe salientar a importância da implementação de políticas públicas, no que se refere à inserção das doulas na cena de parto, especialmente, com relação à legalização da entrada destas, nas maternidades de Fortaleza – CE, ao entender que a sua atuação é fundamental à humanização do parto e nascimento, tendo em vista, seu papel de levar informação qualificada às parturientes e suas famílias, bem como, garantir a autonomia feminina na cena de parto.

Além disso, torna-se imprescindível a promoção de políticas públicas que deem conta de atender às demandas das mulheres de classes sociais mais vulnerabilizadas social e economicamente, ou seja, que promovam o acesso de mulheres pobres e trabalhadoras, em espaços de construção de tais políticas, assim como de discussão e debate das temáticas que compreendem o processo de humanização do parto e nascimento.

Observa-se que o acesso destas mulheres ainda é ínfimo, por exemplo, nas rodas de conversa que ocorrem na cidade de Fortaleza a respeito do tema, haja vista o fato de que estas têm ocorrido, principalmente, em bairros mais afastados das periferias. Realidade que, portanto, necessita ser

modificada, já que a falta de informação pode se tornar um “prato cheio” para que elas se tornem vítimas de situações de violência e/ ou violação de direitos.

Desse modo, diante do que fora exposto, percebe-se que o debate a respeito das categorias humanização do parto e maternidade está longe de se esgotar a partir deste estudo. Pelo contrário, pressupõem continuidade, em outro momento, seja para discutir, de maneira mais aprofundada, as temáticas do cuidado que envolve a atuação das doulas, dos feminismos existentes em meio ao movimento de humanização do parto, da violência obstétrica e/ ou das relações de gênero que a perpassam, seja para debater as relações de poder no âmbito institucional, ou ainda, a respeito da mercantilização que tem sido notada, em meio ao movimento de humanização do parto, a qual oferece abertura para tratar de categorias como classe e raça/etnia, no âmbito da sociabilidade burguesa.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Mikaella Lopes. **Percepções e Análise sobre a humanização do parto em Fortaleza- CE, Brasil:** o olhar das puérperas participantes da Mãe do Corpo. Ceará, 2014. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade Cearense, Fortaleza, 2014. Disponível em: <<https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/PERCEPCOES%20E%20ANALISE%20SOBRE%20A%20HUMANIZACAO%20DO%20PARTO%20EM%20FORTALEZA%20CE.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e Nascimento Domiciliar assistidos por parteiras tradicionais.** Brasília, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal:** versão resumida. Brasília, 2017. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti. **Cenas de parto e políticas do corpo.** In: Criança mulher e saúde. Editora Fiocruz, 2015.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 627- 637, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a19v10n3>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

DIP, Andreia. Violência no parto: Na hora de fazer não gritou. **Fundação Perseu Abramo**, 2010. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra: o resgate de relacionamento entre mães e filhos**. 12 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

MAIA, Mônica Bara. **Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. Relações de gênero: uma construção cultural que persiste ao longo da história. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 19, p. 101-121, 2012. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=345&path%5B%5D=503>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PORTO, Dora. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. **Revista Redbioética/UNESCO**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 55-66, 2011. Disponível em: <http://unesco.org.uy/shs/fileadmin/shs/redbioetica/revista_3/revista3.pdf#page=55>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes da Silva. **A doula no parto: O papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente**. 3. ed. São Paulo: Ground, 2011.

TORNQUIST, Carmen Susana. Armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário de humanização. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano X, 2.sem.2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14972>>. Acesso em: 23 jan. 2017.